EFEITO DA ANTIBIOTICOTERAPIA INTRAMAMÁRIA COMBINADA OU NÃO À SISTÊMICA EM VACAS COM MASTITE SUBCLÍNICA NO MOMENTO DA SECAGEM[1]

Nathallie Casali Gonçalves [2], André Thaler Neto [3], Anderson Rigo dos Santos [4], Carlos Bondan [5], Felipe Souza Soares [6], Julia Thaler [7]

[1] Vinculado ao projeto "Antibioticoterapia intramamária combinada ou não à sistêmica em vacas com mastite subclínica no momento da secagem."
[2]Acadêmico (a) do Curso de Medicina Veterinária – CAV – Bolsista PIBIC/CNPq
[3] Orientador, Departamento de Produção Animal e Alimentos – CAV – andre.thaler@udesc.br
[4] Acadêmico (a) do Programa de Pós Graduação em Ciência Animal - CAV
[5] Professor de Medicina Veterinária na Universidade de Passo Fundo (UPF)
[6] Médico Veterinário Autônomo
[7] Acadêmico (a) do Curso de Medicina Veterinária do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campos Concórdia

A mastite é a doença com o maior impacto econômico em rebanhos leiteiros, de modo que diversas estratégias visando a prevenção e o controle da doença precisam ser adotadas. Dentre estas, a terapia de vaca seca (TVS) é uma das técnicas de prevenção fundamentais para o esquema de prevenção de mastites clínicas e subclínicas. Além de apresentar melhores resultados de cura celular e microbiológica em relação ao tratamento durante a lactação, a TVS dispensa o descarte de leite minimizando os riscos de resíduos de antibióticos. Normalmente esta técnica consiste na aplicação intramamária de antibióticos de longa ação visando sua atuação durante o período seco da vaca. No entanto, em infecções invasivas e/ou múltiplas no tecido mamário, a TVS convencional com selante interno de tetos, pode não ser eficaz, necessitando, lançar mão de combinações sinérgicas entre antibióticos. Neste sentido, o presente estudo objetivou avaliar o efeito da associação entre antibioticoterapia intramamária (IMM) para vaca seca e antibioticoterapia sistêmica sobre a contagem de células somáticas e presença de bactérias causadoras de mastite no pós-parto em vacas com mastite subclínica no momento da secagem.

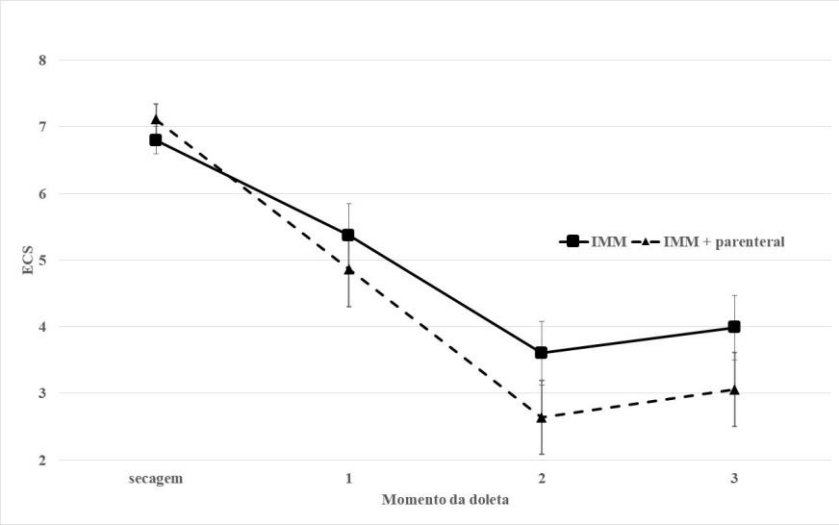
Foram utilizadas 62 vacas das raças Holandês, Jersey e mestiças Holandês x Jersey com médias de 580 ± 50 kg de peso vivo, 358 ± 84 dias em lactação e 21.5 ± 9 kg de produção de leite no momento da secagem em quatro propriedades distribuídas nos estados do Rio Grande Do Sul e Santa Catarina. No momento da secagem os animais deveriam obedecer a cinco critérios para ser alocados no estudo: ter um dos quartos mamários com escore ≥ a uma cruz no *California Mastitis Test* (CMT); não apresentar sinal clínico de doenças; ter período seco entre 40 à 80 dias; não estar com mastite clínica no momento da secagem; e não se encontrar sob tratamento medicamentoso. De acordo com a ordem de parto e escorre CMT, os animais foram distribuídos aleatoriamente em dois grupos. Um grupo recebeu no momento da secagem terapia IMM, com antibiótico vaca seca a base de cloridrato de ceftiofur e selante de tetos a base de subnitrato de bismuto (IMM). O outro grupo recebeu, além da terapia IMM, a aplicação intramuscular de 4 mg/Kg de sulfato de gentamicina (IMM + parenteral). Amostras de leite do quarto mamário com maior escore no CMT foram coletadas visando o isolamento bacteriano e contagem de células somáticas (CCS) no momento da secagem e no 7º, 14º e 21º dias pós-parto. Concomitante as coletas de leite, os animais foram avaliados quanto ao escore de

condição corporal (ECC), escore de higiene de úbere (EHU), escore de claudicação (EC) e escore de ponta de tetos (EPT). Os dados de CCS foram transformados para Escore de Células Somáticas (ECS) e submetidos à análise de variância como medidas repetidas no tempo, utilizando-se o procedimento MIXED do pacote estatístico SAS e a associação entre os tratamentos e o crescimento de patógenos no leite foi analisada pelo teste do Qui-quadrado, utilizando-se o procedimento FREQ do pacote estatístico SAS.

Corroborando com a literatura, em ambos os grupos experimentais ocorreu a exclusão de animais devido a ocorrência de doenças clínicas características do período de transição sendo utilizados 42 animais no estudo. No momento da secagem, o ECS, a produção de leite, a taxa de crescimento microbiano, EPT, ECS, ECC e o EHU, não diferiu entre os tratamentos (P > 0,05). Nas amostras de leite nas três semanas pós-parto houve tendência (P = 0.0676) de menor ECS nas vacas submetidas a IMM + parenteral em relação às com IMM, com valores médios ± erro padrão de média (EPM) de 4,32 ± 0,28 para o tratamento IMM e 3,52 ± 0,32 para o tratamento IMM + parenteral. (Figura 1). O grupo IMM + parenteral também apresentou menor porcentagem de animais positivos para crescimento bacteriano na segunda semana pós-parto (P = 0.0299) e tendência de menor porcentagem de animais positivos na primeira semana pós-parto (P = 0,0943). A redução do ECC afetou (p = 0.0449) a CCS nas primeiras semanas pós-parto (ECS = 0.0449 -1.8037 * mudança de ECC), indicando correlação entre a perda de peso e o aumento de escore de células somáticas, independente do tratamento submetido.

Conclui-se que vacas com mastite subclínica na secagem submetidas a associação entre antibiótico IMM com sistêmico na secagem tendem a apresentar menor ECS e percentual de amostras de leite com crescimento microbiano. Porém mais estudos são necessários para comprovar a eficácia desta técnica.

Figura 1. *Valores médios ± erro padrão da média (EPM) da ECS para os tratamentos nos momentos de coleta de amostra. Os valores médios no momento da secagem correspondem à covariável.*



Palavras-chave: Associação de antibióticos, Bovinos de leite, Sinergismo.